

JORNADAS INTERNACIONAIS DE CENOGRAFIA E FIGURINOS

PROGRAMA

2 Maio 2022

**Faculdade Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL)—Grande Auditório
14h30—15h00**

Receção e apresentação pela FBAUL e pelos organizadores.

Com a presença de Fernando António Baptista Pereira, Presidente da FBAUL

PAINEL 1

HISTÓRIA DA ARTE NA CONSTRUÇÃO PLÁSTICA DO ESPECTÁCULO

Moderador: Leonor Veiga

15h00—15h20

António Trindade (FBAUL)

Da pintura cenográfica de Luigi Manini em Lisboa: o lugar da linha do horizonte entre o real e o ilusório

As pinturas cenográficas de Luigi Manini realizadas em Lisboa no final do século XIX e princípios do século XX, revelam particularidades na questão do ancoramento dos telões com a geometria e a arquitectura circundante dos espaços. O desenho das suas composições revela uma atenção por parte do autor, que respeitando e considerando a arquitectura real dos teatros bem como as respectivas zonas de observação e enquadramentos dos espectadores, encena perspectivas onde a posição da linha do horizonte não é aleatória. O rigor do desenho é notável, onde se vislumbra a utilização de instrumentos de precisão e de métodos perspécticos. O presente artigo analisa esse rigor intrínseco e a respectiva articulação com o espaço real onde os telões eram integrados.

António Trindade é Professor Auxiliar na área de Geometria no Departamento de Desenho da FBAUL na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Em 2008, doutorou-se na mesma instituição com a tese *Um Olhar sobre a Perspectiva Linear em Portugal nas Pinturas de Cavalete, Tectos e Abóbadas: 1470-1816* que viria a adaptar à publicação em livro *A Pintura integrada em Tectos e Abóbadas e a Perspetiva Linear*, editada pelo CIEBA em 2015. Tem inúmeros artigos publicados e conferências.

Paralelamente exerce a atividade de artista plástico. Produziu 20 exposições Individuais e esteve representado em 54 exposições coletivas, das quais se destacam FAC-Lisboa (1995 e 2005), ART Lisboa (2008 a 2011), ARCO-MADRID (edições de 1995, 1996 e 2004) e ART-MADRID (2017) em representação da GALERIA ARTE PERIFÉRICA.

15h20—15h40

Sheila Nunes (FBAUL)

O Teatro Novo e a peça Knock (1925): o caso efémero de um teatro modernista

Em 1925, pela mão de António Ferro, surgiu a proposta de um teatro modernista, inspirado no formato de *teatro-boite* que ele vira em Paris. Pensado como um todo, o teatro propunha apresentar uma experiência modernista, desde a escolha da peça à proposta visual e cénica. Para tal, contou com a colaboração dos artistas José Pacheko, Mário Eloy, Almada Negreiros, Leitão de Barros, e do bailarino Francis que aqui se estreou. A inauguração foi com a peça francesa de Julian Roman, *Knock, ou o triunfo da medicina*, que seguiu a cenografia de Louis Jouvet, tendo como encenador e ator principal, Joaquim de Oliveira. Este deixaria um livro de memórias sobre o processo de montagem do espetáculo, com a reprodução de imagens de algumas das cenas, que serve de elemento de estudo.

Sheila Christina Radburn Nunes é Mestre em Crítica, Curadoria e Teorias da Arte pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa com a dissertação *José Tagarro (1902-1931): o breve percurso de um modernista independente*. É licenciada em Design de Comunicação pela mesma instituição. Fez percurso profissional na área da publicidade, trabalhando no departamento criativo de várias agências multinacionais, em que foi responsável pela criação e execução de campanhas (multimeios) para várias marcas, acompanhando também a sua produção. Em 2011, tirou o curso de Gestão e Produção de Cozinha na Escola de Hotelaria e Turismo de Lisboa, que incluiu um estágio de dois meses num restaurante lisboeta. Com o regresso à Faculdade, surgiu o interesse pela investigação em belas-artes, estando agora a procurar desenvolver as competências necessárias para poder dedicar-se a essa área.

15h40—16h00

Fernando Rosa Dias (FBAUL)

José Filipe Porfírio, pintor-decorador e cenógrafo: um caso periférico no Teatro Lethes de Faro

José Filipe Porfírio foi um artista autodidacta activo em Faro em finais do século XIX, executando trabalhos na área da fotografia, da pintura ou do restauro. Desenvolveu uma actividade regular de pintor-decorador e cenógrafo, sobretudo após ser o grande responsável pelos trabalhos de decoração e restauro no Teatro Lethes em Faro, para a reabertura renovada deste espaço em 1908. Analisaremos o seu percurso enquanto problematização da actividade de pintor-cenógrafo de âmbito mais periférico e ligado a salas de cine-teatro de relevante importância local como é o caso do Teatro Lethes, onde José Filipe Porfírio instalaria atelier até ao final da sua vida, em Janeiro de 1929.

Fernando Paulo Rosa Dias é Professor Auxiliar do Departamento de Ciências da Arte e do Património da Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa (FBAUL), membro integrado do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Doutoramento em Ciências da Arte (FBAUL) com a tese *A Nova-Figuração nas Artes Plásticas em Portugal (1958-1975)*. Mestre em História da Arte Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Criação e coordenação científica da Revista *Convocarte*. (<http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/>). Coordenação científica do catálogo raisonné António Dacosta (<http://gulbenkian.pt/dacosta/>). Livros de autor: *António Dacosta – A Tentação Mítica*, 2016; *Ecos Expressionistas na Pintura Portuguesa Entre-Guerras (1914-1940)*, 2011. Tem publicado, participado ou coordenado eventos sobre a arte portuguesa do século XX, a relação entre as artes, a história e cultura da imagem ou ainda em torno dos discursos relativos à arte, sobretudo no âmbito dos problemas da investigação em artes.

16h00—16h20: Debate

(16h20—16h40: Intervalo)

PAINEL 2

ESTUDOS DE CASO

16h40—17h00

Rita Anahory (Escola António Arroio / Instituto de Educação de Lisboa)

Guarda-Roupa Anahory, ou o que nos resta dele

Um olhar saudoso sobre o que outrora se fez, numa perspetiva otimista que permita aproveitar o que existe e encontrar aí oportunidades de aprendizagem para o futuro. Esta apresentação pretende fazer luz sobre a figura de Alberto Anahory, fundador de um dos mais importantes guarda-roupas portugueses. O seu espólio, iniciado na década 40 do século passado, chegou a contar com mais de 5 mil fatos que contribuíram para as mais variadas produções, tanto de ópera, teatro, cinema e de televisão, em que colaborou desde o seu surgimento. A sua participação na cena artística portuguesa, ganha relevância e popularidade com a sua participação nos cortejos históricos lisboetas e mais tarde na colaboração nas peças de Ribeirinho. Ainda assim, o seu nome continua desconhecido nos dias de hoje, principalmente para uma geração mais nova estudante de artes cénicas.

Por surpreendente que possa ser, algumas das suas peças ainda existentes podem ser encontradas no antigo guarda-roupa madrileno Peris Costumes e ainda hoje são utilizadas em diversas produções, outras, por outro lado, necessitam de um restauro que muito provavelmente não lhes será concedido e em breve irão desaparecer.

A investigação a que nos propusemos procura não só resgatar e preservar a memória destes resquícios através de uma metodologia qualitativa, mas também procurar dar-lhes um carácter pedagógico que possa ser útil para professores e formandos desta área.

Rita Monteiro Anahory Cruz Neves, foi aluna na Escola Artística António Arroio, escola onde leciona desde 2015 na especialização de Realização Plástica do Espetáculo.

É licenciada em Design de Cena pela Faculdade de Arquitetura de Lisboa, passou pela Nottingham Trent University onde estudou Scenography Design e Puppetry, completou o mestrado em Design de Cena pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa.

De momento encontra-se no segundo ano do doutoramento em Educação Artística do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

17h00—17h20

Alexandra Cabral (CIAUD/ FA-UL)

Dinamismo e cor no design de figurinos em Cinderela

Explora-se o figurino em *Cinderela* como ferramenta para a construção da narrativa, partindo das suas propriedades dinâmicas e interactivas associadas às tecnologias têxteis. Na encenação/ demonstração onde os actores representam em low-key, figurinos com superfícies têxteis funcionais pontuam-na de efeitos plásticos e cénicos, num trabalho de luz aplicado à cor e associado às emoções.

O figurino promove novas experimentações, sugerindo mais do que definindo um modo de utilização, devido à capacidade de reagir a estímulos, alterando as suas propriedades,

características ou forma. Está no cerne da dramaturgia, é motor de novas narrativas e provocações metafóricas, que podem ultrapassar o contexto específico inicialmente pensado.

A metodologia intervencionista de base qualitativa abre um campo de experimentação que coloca o designer de moda/figurinista como co-autor, performer e encenador, trazendo novas formas de pensar e actuar em design de figurinos para a performance artística.

Alexandra Cabral é docente em Design de Moda na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, instituição onde se doutorou. Tem vasta experiência de ensino, nomeadamente no Raffles Design Institute, em Shanghai e na Modatex, em Lisboa. Além de escrever como parte da sua atividade académica, é cronista para o Jornal i. A sua investigação aborda a moda enquanto forma de arte, a expressão artística ligada ao figurino, e a moda como indústria criativa, especialmente no seu carácter transdisciplinar em que foca a correlação entre moda e património.

É coordenadora do projeto de design participativo *Desenhar a Terra Futura*, ao abrigo do Programa Bairros Saudáveis, promovido pelo Governo Português. Desenvolveu figurinos para Garb'urlesco, uma produção multidisciplinar relacionada com as tradições do Algarve, apoiada pela DGArtes, em 2019. Desde 2001 que faz design, styling, gestão de design, direção criativa e design de figurinos, tendo participado em inúmeros projetos artísticos internacionais. Recebeu o Prémio Jovens Criadores em Moda (2003) e está representada no acervo do Casoria Contemporary Art Museum em Nápoles, Itália, desde 2006.

17h20—17h30: Debate

17h30—18h30

Mostra do acervo de Filipe Crawford — projeção de filme de Ana Ferreira
Conversa com Ana Ferreira, Filipe Crawford, Paulo Morais-Alexandre com a moderação de Fernando Rosa Dias

O acervo de Filipe Crawford representa um contributo extremamente importante para a História do Teatro em Portugal. Abrangendo um pouco mais de 4 décadas (entre 1976 e 2022), o acervo compreende material documental e físico que ilustra o seu percurso desde o seu início de carreira, com a entrada para o Conservatório em 1976 e a sua estreia no teatro profissional em 1977, até à atualidade.

Ana Ferreira é Artista Visual, Fotógrafa e Realizadora. Mestre em Comunicação Cultural e Tecnologias da Informação pelo ISCTE. Licenciada em Ciências da Comunicação pela UAL. Frequentou os cursos de Cinema Documentário pelo Kino-Doc, o Reemprego de imagens e diversos cursos de fotografia e vídeo no Cenjor. Fotógrafa e realizadora /editora na Fundação Portuguesa das Comunicações. Artista Visual na XZibit Art e na Ver Imperfeito. Cofundadora da Ver Imperfeito e do Cole(c)tivo SET7, nos “Encontros de Cinema” exibiu o documentário “A Máscara e a Arte na Epidemia”. Estreou-se no documentário com a curta “Glória - A guardiã”. Na 3ª edição da Art Banchel exibiu o vídeo “Smile”. Na fotografia expõe individualmente: “Trajecto(s)”; “Formas Escuras” e “Trajecto(s)” no Mês da Fotografia em Almada. Colectivamente: “Uma Imagem Solidária” e “Mulheres do Mundo”. Exibiu o filme “Mostra do acervo de Filipe Crawford” no Dia Internacional da Commedia De’Il Arte 2022 e é a responsável pela organização e registo da documentação deste acervo.

Filipe Crawford é actor, encenador e professor de Teatro, inicia a sua carreira em 1976, estreando-se na Comuna com um espectáculo de Richard Demarcy. Desde então tem trabalhado como encenador e actor em peças teatrais, séries, novelas televisivas e filmes. É licenciado em teatro pela E.S.T.C. de Lisboa e completou a sua formação em França, tendo feito uma Maîtrise em Estudos Teatrais na Sorbonne

Nouvelle e estagiado no Teatro Nacional de Strasbourg e no Conservatório de Paris. Tendo-se especializado na Técnica da Máscara e na Comédia dell'Arte, lecciona estas disciplinas desde 1989 em várias escolas e mantém um projecto de formação desde 1997 – a Escola da Máscara. Fundou a companhia Meia Preta em 1989 e a FC Produções Teatrais em 1995. Dirigiu o Teatro Casa da Comédia entre 2000 e 2012 e criou o Festival Internacional de Máscaras e Comediantes em 2002, cuja última edição foi em 2012. Actualmente é free-lancer, trabalhando como produtor, encenador, actor e formador de Teatro.

3 Maio 2022

Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), Auditório António Reis

10h10—10h30

Receção e apresentação pela Direção da ESTC e pelos organizadores.
Com a presença de David Antunes, Diretor da ESTC

PAINEL 3

TEORIAS DE CENOGRAFIA E DE FIGURINOS

Moderador: David Antunes

10h30—10h50

João Calixto (ESTC – CIEBA)

O que é skēnographia?

As definições de cenografia que hoje podemos encontrar são várias e, por vezes, contraditórias. Actualmente e desde meados do séc. XX a discussão sobre este termo está amplamente aberta. Segundo podemos hoje apurar, o problema não é novo. Partindo de Aristóteles, Vitruvius e Geminus, propõe-se um percurso sobre as fontes que testemunham o aparecimento e transformação do termo *skēnographia* / *scaenographia* durante o período greco-romano. Apoiando-nos no que podemos saber sobre as práticas de construção e pintura cénica, propõe-se um olhar sobre algumas hipóteses de práticas cenográficas da antiguidade clássica.

Desde 2006 que colabora com a ESTC, sendo Professor Adjunto convidado nesta instituição desde 2016. Neste contexto participa como investigador nos projectos de criação e investigação artística (IDI&CA) do IPL: *Girela - Reflexões sobre investigação artística, formação e legislação*; e *Luz - Imagem como Média Laboratório de Iluminação Cénica*. É coordenador do projecto de investigação *Polifonia e Contraponto - Criação e Reflexão no Espaço Cénico*, tendo sido responsável e co-autor da publicação *Heiner Goebbels — As conferências de Lisboa*, resultado deste mesmo projecto. Neste âmbito, é actualmente coordenador do projecto *Ensaio de Construção - Investigação e Criação em Cenografia*. Divide a sua actividade teatral como criador de produções próprias e colaborações, como cenógrafo e construtor de objectos, com diversos autores e instituições. Desde 1998 envolvido nas práticas de teatro, dança, circo, rua ou cinema, os seus trabalhos foram apresentados em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido, Holanda, Bélgica, Alemanha, Áustria, Eslovénia, Brasil e Coreia do Sul. Doutorando no programa de Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento - Universidade de Lisboa e Instituto Politécnico de Lisboa, com a tese *Cenografia, Teatro e Materialidade*. Mestre e Especialista em Teatro - Design de Cena, pelo Instituto Politécnico de Lisboa, em 2013 e 2016

respectivamente. Inicia a sua formação em Desenho, Ilustração e Escultura no AR.CO - Centro de Arte e Comunicação Visual, entre 1994 e 1999.

10h50—11h10

José Capela (EAAD - UM / Lab2PT / mala voadora)

Habitar imagens

Para o cenógrafo Adolphe Appia, “habitar uma imagem” seria uma ideia contraditória e inaceitável, devido à incompatibilidade entre a bidimensionalidade da pintura e a tridimensionalidade, quer do espaço, quer do corpo vivo dos atores. Recentemente, a instalação de imagens no espaço tem adquirido importância no âmbito da designada “fotografia pós-internet”. Como reação à virtualidade das imagens digitais, resgata-se a materialidade do objeto-fotografia e o interesse que pode adquirir a relação entre esse objeto-fotografia, o espaço e os corpos. Propõe-se tomar estas experiências fotográficas como referência para reapreciar a presença de imagens no palco e, nesse sentido, considerar também a natureza performativa (ou “agência”) que tem vindo a ser reivindicada para as imagens no âmbito da teoria da imagem. Olhando para instalações de fotógrafos e para algum do meu trabalho como cenógrafo, gostaria de perguntar: O que podem as imagens quando são colocadas em contexto performativo e habitadas por atores?

José Capela é arquiteto, doutorou-se com a dissertação *Operar conceptualmente na arte. Operar conceptualmente na arquitetura*. É docente na Universidade do Minho, onde leciona nos cursos de arquitetura e de teatro, e é investigador do Lab2PT. Partilha com Jorge Andrade a direção artística da mala voadora, sendo responsável pela cenografia dos espetáculos. É autor do catálogo de cenografia *Modos de não fazer nada*, da instalação *Windows* (representação portuguesa na exposição *Countries and Regions* da Quadrienal de Praga 2019) para a qual editou o catálogo *W: JC + JCD* com José Carlos Duarte e do capítulo “Uma garrafa de Coca-Cola e duas estufas: política interna nas artes e na arquitetura” do livro *Estética e Política entre as Artes* (Edições 70). Foi presidente da APCEN entre 2016 e 2018. Nos últimos anos, para além do seu trabalho na mala voadora, concebeu: uma cenografia-instalação para o foyer do Teatro do Bairro Alto; os figurinos de *Aurora Negra*; os cenários de *Trouble* de Gus Van Sant (BoCA); e a instalação-exposição *Coleção de Amantes* de Raquel André. Foi nomeado para o *Prémio Autores* de cenografia (SPA) em 2012 e 2017, e recebeu o prémio em 2016 por *Pirandello* da mala voadora.

11h10—11h30

Sara Franqueira (ESTC - CIEBA)

A Cenografia como problema

Richard Foreman assume o espaço cenográfico das suas criações como um espaço de jogo, e, a mise-en-scène, como um jogo a ser jogado, um ambiente para o texto explorar. Nas suas criações, a cenografia, tal como o texto, vai-se revelando em fragmentos de associações, colocando questões ao espectador. Estimula a interpretação através de tensões, oferece-se como um enigma para a sua perceção, adquirindo por esta via, uma lógica de interrogação.

Oscar Brenifier defende que não podemos responder a perguntas importantes, nem sequer o devíamos fazer, porque as perguntas só podem ser problematizadas. Nessa medida, a problematização desencadeada pela cenografia é emancipada de possíveis

respostas que surjam, porque a estratégia implícita no confronto de elementos visuais é a ambiguidade como garantia do jogo estético. Este carácter possibilita qualificar a cenografia como um problema, uma materialidade que levanta questões sem resposta determinada. Tanto a dimensão conceptual como a material da cenografia podem ser construídas a partir do paradigma do problema, por isso a cenografia não resolve problemas: cria-os.

Doutora em Estudos de Teatro (FLUL) com uma tese sobre cenografia na contemporaneidade, Mestre em Estudos de Teatro (FLUL) com um estudo sobre as relações entre a cenografia e as artes plásticas e Licenciada em Arquitetura (FAUTL). Desenvolve investigação em redor de questões cenográficas contemporâneas, produzindo comunicações, artigos e ensaios sobre estas matérias. Leciona atualmente História e Teoria do Design de Cena e Estética e Arte Contemporânea na ESTC e já lecionou Cultura Visual Contemporânea e Espaço Cénico na ESTAL.

Mantem uma atividade regular criativa nas artes de palco, onde além de integrar equipas artísticas foi autora de mais de 50 espaços cénicos. Trabalha igualmente em projetos performativos e transdisciplinares, no desenvolvimento de espaços de exposição ou em curadorias específicas. Desenvolve trabalho na área da mediação cultural com entidades como a EGEAC, a Fundação Calouste Gulbenkian, a BoCA – Biennial of Contemporary Arts, ou o Museu Coleção Berardo. Foi coordenadora da secção *Performative Space* da Representação Oficial Portuguesa na Quadrienal de Praga em 2015 e mediadora convidada do programa “Arquitetura e Teatro – Dar Lugar ao Acontecimento” apresentado no 32º Festival de Almada. Já foi membro da direção da APCEN- Associação Portuguesa de Cenografia e cofundadora de três companhias de teatro.

11h30—11h50

Monica Manganelli (Cenógrafa e investigadora Independente)

Inter and multidisciplinary of the arts for scenographer/set designer:

Skills/Experiences-oriented relations between cinema and other artistic fields such as opera house/theater, exhibitions, animation and video-installation in the digital age

OperaHouse/theater, together with dance, in recent decades has proved to be the artistic expression par excellence of experimentation, in the context of direction and set design, and in relation to the use of new technologies and digital tools. Personally I believe, as an artist and professional active both in the theatrical-opera house field and in film production, that the multi and interdisciplinary nature of the arts are the keys to interpreting the future, both in terms of storytelling and technique, especially for the visual-scenographic aspect.

I believe in the connection between arts for creating emotional experience, and I'm interested in the boundaries between music&theater, architecture, history of art and visual art-immersive video in different fields, developing *NEW FORMS* for performing arts to create emotional experiences, in which the boundaries among music, space/scenography and video-art are subtle until they blend, with the use of digital and cinematographic techniques.

Monica Manganelli é diretora de cinema, cenógrafa e artista visual atuante tanto no teatro (ópera) quanto na produção cinematográfica. Como cenógrafa e artista visual assinou diversas produções nos mais importantes teatros da Europa. Para as produções cinematográficas colaborou com as irmãs Wachowski, para a direção de arte de Cloud Atlas. Desde 2015, assinou projetos como diretora de cinema e designer que participou de 150 festivais e ganhou 40 prémios (The Ballad Of The Homeless, Butterflies In Berlin, The Atlas Of Wonders, The BLACK ChristS. Far from Justice). Encontra-se a desenvolver uma nova longa-metragem sobre a condição feminina com Turandot-Princess da China.

11h50—12h20: Debate

(12h20—14h30: Intervalo)

PAINEL 4

ESTUDOS DE CASO e PROCESSOS CRIATIVOS

Moderador: Armando Rosa

14h30—14h50

Dárida Rodrigues (ESTC)

Vice-versa—Cenografia cosmopolítica

Através da instalação *Vice-versa*, uma vídeo performance realizada a partir de cenografia concebida para uma montra, propõe-se pensar a ideia da inversão do ponto de vista da imagem na criação de um espaço cenográfico expandido.

Tendo como dispositivos a video-projeção e o vidro de um lugar originalmente pensado para atender a lógica do capital, busca-se criar um espaço de alteridade radical, construído pela imagem espelhada projetada, como cenografia e agente de partilha da mediação da relação espaço temporal onde se pode existir num outro lado do espelho. Bachelard, Foucault, Deleuze e Guattari e Isabelle Stengers são autores convocados para interrogar como a cenografia hoje, ao coreografar este espaço espelho, permite confrontar a dicotomia entre humanos e natureza que norteia o regime de subjetividade capitalista e suprime formas de enxergar outras relações e modos de existência." Em *Vice-versa* o dentro e o fora foram invertidos, algo foi alternado, mas segue em relação”.

Dárida Rodrigues é artista e investigadora. Formou-se em Comunicação Social (Cinema e Radio e Televisão) na FAAP em São Paulo, estudou Cenografia na Escola Nacional de Cinema e Televisão da Inglaterra e Arquitetura na Abra - SP. Concluiu Mestrado em Arte Multimedia - Performance e Instalação na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em 2018/2019. É doutoranda em Artes Performativas e da Imagem em Movimento da Universidade de Lisboa.

Atua há 20 anos como Production designer, diretora de arte e cenógrafa para filmes de longa e curta-metragens, audiovisual e fotografia, trabalhando no departamento de arte de inúmeros filmes e projetos nos diferentes âmbitos da produção artística.

Desde 2016, desenvolve projetos de Cinema e Arte Multimédia em Portugal, onde o trabalho como artista audiovisual vem se expandindo através da criação de Instalações, Performances e audio walks, ao usar voz, instruções, espaço cenográfico expandido e corpo em relação, para criar experiências e cenários, habitando o universo artístico como campo para a exploração de expansão de consciência.

Colabora com o grupo colectivo de artistas *Nowhere* em Lisboa, onde participou da exposição *Collectors Club*, com a série *Insurgir* e onde instalou a performance audiovisual *Vice-Versa*, com curadoria de Cristiana Tejo.

14h50—15h10

André Guedes (FBAUL)

Paisagem com uma bancada. Sobre a duplicidade de um dispositivo cénico no espaço público

Em 2001, uma bancada camarária para acolher os espectadores da obra performativa *Paisagem Combinada*, realizada no contexto da exposição/evento Lisboa Capital do Nada, foi instalada numa das encostas da Avenida Santo Condestável, em Chelas, orientada para a colina onde se encontravam os prédios da Zona J, actualmente, o Bairro do Condado.

Este elemento, além do lugar donde se observava o conjunto de intérpretes que circulava na paisagem, vestidos com cores similares às recentemente intervencionadas nos edifícios, foi simultaneamente, e dada a singularidade contextual da proposta, também um palco; um lugar observável para quem estava exterior a ele, e que converteu os espectadores em implícitos intérpretes.

A presente comunicação pretende explorar o modo como este elemento (a bancada), agiu de modo duplo, quer enquanto equipamento cénico (plateia), quer enquanto lugar cénico (palco); mediador de um processo de experiência e participação dos espectadores numa determinada realidade, e conferindo ao contexto não convencional em que ocorreu (o espaço público), uma possibilidade dramática não circunscrita à sua função primordial e utilitária.

Artista visual, cenógrafo, investigador e professor universitário. Estudou Arquitetura (FA-UL) e Antropologia do Espaço (FCSH-UL). É atualmente doutorando na Faculdade de Belas Artes (UL), investigador associado nos projetos TEPe (FMH-UL) e Estudos de Cenografia e Figurinos em Portugal (FBA/ESTC-UL), e docente da cadeira de Espaço Cénico na Universidade Lusófona do Porto.

15h10—15h30

Miguel Cruz (ESTC)

Criação de luz enquanto dispositivo cénico

“O espaço cénico é o espaço próprio dos atores, o espaço dos corpos em movimento”
Anne Ubersfeld in *Os Termos-chave da Análise Teatral*, Editora Licorne, 2012, p. 46.

Espaço cénico não pressupõe à partida a existência de uma cenografia nem tão pouco a existência de luz. Situa-se dentro do espaço teatral e é dedicado às movimentações dos intervenientes do espetáculo. No entanto, é dentro deste espaço que podemos desenvolver um determinado desenho de luz, podendo ele próprio ser responsável por um envolvimento cénico capaz de dialogar com estes intervenientes.

Intensidade, cor, forma e movimento, são qualidades atribuídas à luz e que podem servir de impulso à criação de um dispositivo luminoso que, por vezes dialoga com a cenografia existente, outras substitui-se a esta, trazendo características cenográficas capazes de modelar o espaço cénico.

Miguel Cruz é Mestre em Teatro/Produção pela Escola Superior de Teatro e Cinema, onde é professor Adjunto, Diretor do ramo de Produção da Licenciatura em Teatro, Presidente do Conselho Pedagógico e da Comissão Pedagógica de Teatro e membro do Conselho Técnico-Científico e da Comissão Técnico-Científica de Teatro. Obteve o Título de Especialista em Artes, concedido pelo IPL. Frequenta o Doutoramento em Artes Performativas e da Imagem em Movimento pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Foi investigador Associado dos projetos *GIRELA*, *Reflexões sobre Criação*

Artística, Formação e Legislação e *LIMLIC, Luz-imagem como medium / Laboratório de Iluminação Cénica*. É professor Adjunto convidado na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Coordenou alguns workshops de iluminação pela ESTC, Teatro de Carnide e Teatro da Garagem, e participou no XVIII Fórum Permanente de Teatro como formador. Foi *Light Designer* do Teatro da Garagem e tem trabalho regular nesta área, tendo colaborado com encenadores como: Carlos Pessoa, João Lagarto, Luca Aprea, João Ricardo, Daniel Gorjão, Paulo Ferreira, Francisco Salgado, André Murraças, Ricardo Boléo, Marina Nabais, entre outros, em espetáculos apresentados em vários teatros do País. Dos seus trabalhos destaca *Teatro-Clip*, *On The Road*, *Odisseia Cabisbaixa* e *Snapshots* pelo Teatro da Garagem, *Il Trionfo D'Amore* no CCB, *Radiografia de um Nevoeiro Imperturbável* e *Fausto* no TNDM II, *Em Branco* na C ulturgest. Em 2021 apresentou em Marvila a performance *Corpo Espaço Luz* em co-criação com Marina Nabais.

15h30—15h50

António Polainas (cenógrafo, ESTC)

Teatro em Televisão—cenografia—RTP 1957-1995

Na Radio e Televisão de Portugal – RTP – o teatro em televisão teve o seu período áureo entre as décadas de 50 a 90 do século XX. Tratavam-se de programas com elevada audiência, emitidos sempre em horário nobre, e obtinham elevado sucesso junto dos espectadores.

Semanalmente eram produzidas uma ou duas peças de teatro, assim como diversas rubricas dedicadas à mesma temática. Na indústria televisiva mais de uma centena de profissionais das áreas da técnica e da cenografia trabalhavam diariamente para manter essa cadência de produção.

A apresentação de hoje, centrada na ótica da cenografia, pretende dar a conhecer as características específicas deste tipo de programa através de uma viagem no tempo entre 1957 a 1995. Neste percurso irei apresentar conceitos e imagens que permitem compreender as tipologias de cenografia, a evolução do espaço cenográfico e a representação do projeto de cenografia, entre outros.

Licenciado em Arquitetura pela ESBAL, trabalha na RTP como quadro superior desempenhando atualmente a função de responsável da área de imagem e criativo principal de Cenografia. Possui uma Pós-Graduação pela Autónoma Academy (Universidade Autónoma); Título de Especialista em Teatro-Design de Cena pelo Instituto Politécnico de Lisboa (IPL), Mestre em Teoria de Arquitetura pela Universidade Lusíada, Diplomado em Estudos Avançados (DEA) pela Universidade Sevilha e Doutoramento em Arquitetura pela Universidade Beira Interior (UBI).

Investigador pelo Centro de Investigação em Território, Arquitetura e Design (CITAD) da Universidade Lusíada de Lisboa; investigador colaborador no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM) da Faculdade de Letras de Lisboa e no CIEBA, Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Membro da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa é sócio fundador da Associação Portuguesa de Cenografia (APCEN) e membro do International Board of the Experts of the Foundation Life Beyond Tourism. É docente universitário desde 1999, encontrando-se atualmente como professor convidado na Escola Superior de Teatro e Cinema.

15h50—16h20: Debate

(16h20—16h50: Intervalo)

17h00 — Mesa Redonda

Ensino e Investigação no Ensino Superior na área da Construção Cénica do Espetáculo
Moderação de Sérgio Loureiro [ESTC]

Oradores: Hélder Maia (ESMAE-IPP); Fausto Viana (USP); João Calixto [ESTC]; Luís Santos [Escola António Arroio]

4 Maio 2022

Museu Nacional do Teatro e da Dança, Auditório

10h00—10h30

Receção e apresentação pelo MNTD e pelos organizadores.

Com a presença de Nuno Moura, Diretor do Museu Nacional do Teatro e da Dança

PAINEL 5

FIGURINOS e MODA

Moderador: Rui Pina Coelho

10h30—10h50

Armando Caseirão (FA-UL)

Génesis 72-75. Uma abordagem aos figurinos de Peter Gabriel

Nesta comunicação pretende-se analisar um conjunto de 10 figurinos usados por Peter Gabriel nos anos em que esteve na banda musical *Genesis*.

A 6 e 7 de Março de 1975, os Genesis tocaram em Cascais. Considerada na altura a melhor banda rock do mundo, finalizaram em Portugal, Cascais, uma tour que passou pelos Estados Unidos e por 11 países europeus. Peter Gabriel com os seus figurinos conseguia uma presença misteriosa em palco disfarçando-se e criando personagens com máscaras, maquiagem e trajes bastante teatrais, tornando o concerto um espetáculo visual muito para além da música.

Acredita-se que esses figurinos e o seu merecido sucesso, que Gabriel criou para afastar o medo do palco, foram os geradores de um mal-estar no grupo uma vez que deixavam a música para um segundo plano e foram sendo introduzidos por Peter Gabriel sem discussão com os restantes membros da banda.

Após o concerto de Cascais, Peter Gabriel anunciou a sua saída dos *Genesis*.

Armando Caseirão é professor agregado em Arquitetura, especialidade de Desenho na Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura, 2022; tem Pós-doutoramento em Desenho, na FBAUL 2016; é Doutoramento em Belas-Artes, especialidade Desenho, FBAUL, 2007; Mestre em Teorias da Arte, FBAUL, 2000 e Licenciado em Pintura, ESBAL, 1987. Artista plástico e investigador dedicou longo período à pintura de objetos construídos e pintura em suporte recortado. Nos últimos anos tem vindo a desenvolver trabalho em Desenho assim como na área da Fotografia. Foi representado pela Galeria Novo-Século de Lisboa. Foi cenografista da Rádio Televisão Portuguesa, tendo paralelamente realizado cenários para Teatro, Ópera e Operetas. Atualmente é Professor Auxiliar com Agregação na Faculdade de Arquitetura, da disciplina do Desenho.

10h50—11h10

Fausto Viana (USP)

Trajes realistas nas artes cênicas: “o que são, onde vivem, o que comem e do que são feitos”. Eles... existem?

A proposta desta comunicação é discutir se ainda existe o que se convencionou chamar de traje realista, quais as suas origens (passando pelo mítico Georg II, Duque de Saxe-Meiningen e pelo encenador russo Konstantin Stanislavski) e como se mantém esta ideia tão arraigada nas artes cênicas (o que inclui as telenovelas) em curiosas relações que muitas vezes envolvem os atores/performers e seus trajes; o figurinista e seu processo criativo; o público e as relações que estabelece a partir de seu próprio corpo e vivências; e—assustador—, das reflexões dos “especialistas” em moda e trajes de cena nas redes sociais.

Fausto Viana é professor livre docente da Universidade de São Paulo, onde fez estudos graduados (1992), mestrado (2000) e doutoramento em Artes (2004). É também doutor em museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (2010) e mestre em moda pela Escola Artes, Ciências e Humanidades da USP. Fez pós-doutoramentos em conservação de têxteis no Museu Nacional do Traje em Lisboa, e em moda, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

É autor, entre outros, dos seguintes livros: *Para documentar a história da moda: de James Laver às blogueiras fashion*; *O Traje de cena como documento*; *Dos cadernos de Sophia Jobim: Desenhos de história da moda e de indumentária e O figurino teatral e as renovações do século XX*.

Já participou de mais de sessenta espetáculos de teatro, tendo atuado como figurinista em *Era uma era*, da Cia Mungunzá; *Os sapatos que deixei pelo caminho*, do Teatro do Kaos e *Almas abaixo de zero* da Companhia de Teatro da Cidade de São José dos Campos.

11h10—11h30

Brígida Ribeiros (CIPEC – IPBC)

Os figurinos de “A Magia da Polaroid” — Re(criação) de imagens de moda para o catálogo da exposição da coleção Raul Cunca

Esta comunicação visa a explanação dos processos de pesquisa, dos critérios, e das soluções e resultado final da criação de figurinos para as fotografias de “contexto” que figuram no catálogo da exposição “A Magia da Polaroid- Coleção Raul Cunca”.

A exposição decorreu no Museu Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco e na Casa da Cerca, em Almada e deu origem a uma publicação com o mesmo nome, em duas edições. O catálogo mencionado compõe-se por fotografias, textos históricos e técnicos dos diversos modelos de máquinas da coleção e as fotografias de “contexto”.

Os visuais de contexto fotografados não são figurinos no sentido clássico do termo, e embora fora do campo das artes cênicas, há uma construção de personagens através do vestuário e complementos do visual. O discurso visual desenvolvido relaciona-se com elementos da memória coletiva, onde o espetador/leitor faz associações e lê as personagens a partir de referências do imaginário coletivo e lê o conjunto visual (figurinos e máquinas fotográficas) como um mesmo testemunho da cultura material.

Para estas fotografias foram criados vinte e três visuais compostos por vestuário, acessórios e maquilhagem usadas por personagens femininas, e que se pretendia retratassem o gosto dominante no momento de criação de diversos modelos de máquinas fotográficas instantâneas da marca Polaroid, no período entre 1948 e 2010.

Brígida Ribeiros (1975, Faro) é licenciada em Design de Moda pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e mestre em Design de Moda pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Ao longo da sua trajetória profissional exerceu atividade em diversas áreas

artísticas e culturais. O seu trabalho artístico é eclético, estendendo-se do desenho e ilustração, design e arte têxtil. É designer, artista e professora. Vive em Castelo Branco.

11h30—11h50: Debate

(11h50—12h10: Intervalo)

12h10—12h30

Leonor Pinela (FBAUL - CIEBA)

O que é o “Cosplay”

Ensaio à volta das definições de Cosplay, dos múltiplos pontos de vista e contextos para definir o Cosplay e das suas variantes.

Procura pelas justificativas para cada versão da definição, o que motiva um Cosplayer a aderir a este tipo de actividade e o seu contexto.

Circunscrição da definição para a Investigação Académica sobre "O Processo Criativo no Cosplay" e alguns exemplos práticos e ilustrativos.

Resenha do panorama do Cosplay em Portugal e a sua evolução. Tipos de Cosplays mais populares em Portugal e razões para os construir ou não os construir.

Leonor Pinela é Licenciada em Cinema, pela Escola Superior de Teatro e Cinema e Doutoranda em Belas-Artes, na Faculdade de Belas-Artes, UL. Trabalhou em diversas áreas, em cinema, *webdesign*, como consultora de banda desenhada e animação japonesas, figurinista e, nos últimos anos, tradutora de cinema e audiovisual, tendo colaborado com os maiores festivais de cinema de Lisboa. Também é *cosplayer* e o *cosplay* é o tema da sua investigação em Belas-Artes.

12h30—12h50

Paulo Morais-Alexandre (ESTC - CIEBA)

Um núcleo inédito de ilustrações para figurinos de Pinto de Campos

Pinto de Campos é um dos mais prolíficos criadores de cenografia e figurinos no panorama teatral português da segunda metade do século XX, estando a sua obra dispersa por vários espólios. Propõe-se o estudo de um núcleo inédito e significativo de ilustrações para figurinos com obras para o Teatro Experimental de Cascais, para um projeto de Paulo Guilherme d’Eça Leal e outras sobretudo para teatro de revista.

Paulo Morais-Alexandre é Licenciado em História (História da Arte) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestre em História da Arte pela Universidade Lusíada de Lisboa. Doutor em História, especialidade de História da Arte, pela Universidade de Coimbra. Exerce atividade docente na Universidade Católica Portuguesa; Universidade Moderna; Escola Superior de Artes Decorativas - ESAD da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva; IADE e Escola Superior de Educação de Lisboa. É Professor Coordenador na Escola Superior de Teatro e Cinema, de que foi Presidente da Mesa da Assembleia de Representantes e Presidente do Conselho Diretivo.

Investigador Integrado do CIEBA da FBAUL. Pró-presidente para as Artes do Politécnico de Lisboa. Autor de várias obras no campo da História da Arte, em particular do Design de Cena, com artigos publicados em periódicos como a *Revista Militar*, *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, *Brotéria*, *Tabardo*, *Olissipo*, *Alicerces*, *Armas & Troféus*, entre outros. Publicou mais de quarenta textos

em catálogos de Exposições. Pertence à Academia Nacional de Belas Artes (sócio correspondente), Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (Brasil), Academia de Letras e Artes de Portugal, Academia Falerística de Portugal, Sociedade de Geografia de Lisboa, Royal British Club e outros. É Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite no Reino de Marrocos.

12h50—13h10

Michele Dias Augusto (FBAUL - CIEBA)

O design de cena no Museu do Nacional do Teatro e da Dança: a linguagem vestida a coleção de desenhos de figurinos medievais

A comunicação se propõe a investigar as memórias do acervo Museu Nacional do Teatro e da Dança (MNTD) de Portugal, nomeadamente os aspetos do design de cena medieval, os registos de desenhos de figurino das companhias teatrais nacionais, de espetáculos, bailados e autos diversos pertencentes à coleção do MNTD. A pesquisa propõe uma análise sobre o processo criativo coletivo cênico através da memória das companhias e das produções, uma coleta de dados através dos desenhos de figurinos de espetáculos realizados entre 1940-60 de bailados e peças. No intuito de investigar o desenvolvimento do pensamento criativo, considerando os contextos históricos, sociais e de memória da coleção. Para tanto este trabalho almeja identificar nas bases das criações, os principais aspetos gerais, formais, simbólicos, históricos e de estilo enquanto fios condutores revelados através da linguagem vestida contida na coleção, como e quais códigos podemos revelar através da análise da memória do Património Cultural.

Michelle Dias Augusto é Investigadora Colaboradora do CIEBA e doutoranda em Ciências da arte e do Património Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Mestre em Artes Visuais - UFRJ em estudos de imagem e cultura, Graduação em Figurino (Artes Cênicas - Indumentária) - UFRJ, especializações em Fashion Folio and Creative Techniques (Renata Estefan, Central Saint Martin, Hermés). Atualmente investiga a memória do Museu Nacional do Teatro e da Dança de Lisboa, e os métodos de processos criativos, de linguagens cênicas e de ilustrações criativas em patrimônios culturais como inspiração para a prática artística.

Designer, professora e investigadora de criação e desenvolvimento de figurinos de teledramaturgia, moda, carnaval e artes da cena. Docente de Design de moda e figurino, Curso Técnico de Produção de Moda da FAETEC - Brasil (2009 - atual), Escola de Belas Artes UFRJ - Brasil (2009-2010 - 2016-2018).

Colaboradora do Studio Criativo Coletivo de artistas e designers, em oficinas e investigação de moda, património e sustentabilidade, 1ª edição Oficina de Reciclagem de Moda e Criação Sustentável; 2ª edição: Resgatando o património imaterial brasileiro. Colaboradora do Grupo de Mostra de Regiões e Países do Evento Quadrienal de Praga, PQ Brasil 2023 (2021 -)

13h10—13h30: Debate

(13h30—15h20: Intervalo)

15h30: Visita guiada à coleção de cenografia e figurinos do Museu Nacional do Teatro e da Dança e às *Máquinas de Cena de Romagem de Agravados* com a presença do criador, José Carlos Barros